

Em busca de uma economia para a vida: a atuação de Franz Hinkelammert no Chile

Antônio Vogaciano Barbosa Mota Filho¹

J. J. Bautista: ...el capitalismo es como una religión.

F. Hinkelammert: No es como una religión: ¡es una religión!²

Resumo:

Franz Hinkelammert foi um importante teórico engajado das ciências sociais latino-americanas. Após realizar seus estudos superiores na Alemanha, se instala no Chile, em 1963. O objetivo do presente trabalho é realizar uma breve revisão da vida e obra de Hinkelammert durante seu período no Chile, abordando, sobretudo, suas reflexões acerca do subdesenvolvimento e dependência e da transição ao socialismo. A defesa de um socialismo democrático e radicalmente avesso a qualquer tipo de determinismo aparece desde esse momento como uma das características de sua reflexão.

-
- 1 Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas (2022), mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2017) e graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará (2012). Realizou um período de pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros (USP) e na École des hautes études en sciences sociales (EHESS - Paris) sobre a atuação de Celso Furtado durante a redemocratização. Atualmente é Professor Adjunto na Escola Paulista de Política, Economia e Negócios (EPPEN - UNIFESP).
 - 2 Trecho de uma entrevista com Franz Hinkelammert conduzida por Juan José Bautista Segales em outubro de 2017 (Hinkelammert, 2017).

Palavras-chave: Subdesenvolvimento; dependência; transição; Chile.

En busca de una economía para la vida: la obra de Franz Hinkelammert en Chile

Resumen:

Franz Hinkelammert fue un importante teórico de las ciencias sociales latinoamericanas. Tras estudiar en Alemania, se estableció en Chile en 1963. El objetivo de este artículo es repasar brevemente la vida y obra de Hinkelammert durante su estancia en Chile, en particular sus reflexiones sobre el subdesarrollo y la dependencia y la transición al socialismo. La defensa de un socialismo democrático, radicalmente opuesto a cualquier tipo de determinismo, aparece a partir de este momento como una de las características de su pensamiento.

Palabras clave: Subdesarrollo; dependencia; transición; Chile.

In search of an economy for life: the work of Franz Hinkelammert in Chile

Summary:

Franz Hinkelammert was an important theorist engaged in Latin American social sciences. After studying in Germany, he settled in Chile in 1963. The aim of this article is to briefly review Hinkelammert's life and work during his time in Chile, particularly his reflections on underdevelopment and dependency and the transition to socialism. The defence of a democratic socialism that is radically opposed to any kind of determinism is one of the characteristics of his thinking.

Keywords: Underdevelopment; dependency; transition; Chile.

Introdução

Economia e teologia acompanharam a vida e obra de Franz Hinkelammert. Parte de todo o seu esforço de reflexão teve como objetivo explorar as profundas conexões entre essas duas áreas, que se apresentam, em um primeiro momento, como radicalmente distintas. Nascido em uma família católica conservadora, mas humanista, Hinkelammert realizou suas primeiras leituras sobre marxismo na adolescência. Após uma rápida passagem no noviciado dos jesuítas, Hinkelammert iniciou seus estudos

superiores em economia, muito influenciado por seu pai.³ Refletindo sobre seu percurso de formação teórica e profissional, comentou que: “Creio que tudo o que faço hoje, alguma coisa em Filosofia, alguma coisa em Teologia, está impregnado dos meus estudos de Economia” (Hinkelammert, 2014, p. 37).

Após concluir a graduação, mudou-se a Berlim, onde cursou seu doutorado no Instituto da Europa Oriental da Universidade Livre, sobre o processo de crescimento da economia soviética (Hinkelammert, 1961).⁴ Ali permaneceu como pesquisador até 1963, quando se instalou no Chile, por intermédio da Fundação Konrad Adenauer, vinculada à União Democrata Cristão (“Christlich Demokratische Union Deutschlands” - CDU). Tendo estudado a Doutrina Social da Igreja e com um período de pesquisa em um importante centro que tratava de questões da Guerra Fria, “era o candidato com melhores condições de enfrentar o marxismo no Chile”, ainda que não fosse simpatizante da CDU (Hinkelammert, 2014, p. 44).

No período em que viveu no Chile, Hinkelammert pôde presenciar uma importante efervescência política, o que contribuiu para sua formação política. Durante todo o período em que esteve ali, vinculou-se à Universidade Católica do Chile, atuando também em outras instituições como o Instituto de Estudos Políticos (IDEP), vinculado ao Partido Democrata Cristão (PDC), entre 1963 e 1967 e o Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento (ILADES), entre

3 “Sendo professor do ensino fundamental, meu pai estudou economia a noite e concluiu um curso de doutorado em 1936, mas continuou como professor primário. A tese de doutorado abordou um tema muito curioso: “O impacto do alcoolismo sobre a família” a partir de uma perspectiva econômica” (Hinkelammert, 2014, p. 28). Hinkelammert menciona que, quando seu pai era mais jovem, foi próximo da social-democracia alemã, conhecida pela busca de uma moral elevada entre os trabalhadores, o que envolvia a condenação do alcoolismo. Em um artigo comentando o consumo de bebida alcoólica, Rosa Luxemburgo afirma que “é de se procurar altos costumes não entre as dezenas de milhares de cima, mas entre o povo trabalhador” (Luxemburgo, 2021, p. 45).

4 “Eu li tudo o que se relacionava com as matérias de estudo, e tudo era realmente muito interessante: economia e economia marxista. O rigor alemão tem sua seriedade, de modo que se o objetivo era estudar, era preciso dedicar-se a O Capital, e a todas as obras de Marx, Engels, Lenin, Stalin, para formar bons opositores ao Comunismo” (Hinkelammert, 2014, p. 38).

1967 e 1970. Um período particularmente relevante do seu período como professor da Universidade Católica foi o que esteve vinculado ao Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN), entre 1968 e 1973. O objetivo principal deste trabalho é analisar a atuação do economista e teólogo alemão no período em que esteve no Chile. Concentramos nosso trabalho na análise de dois eixos de reflexão de Hinkelammert nesse período: a relação entre subdesenvolvimento e dependência e transição socialista.

Subdesenvolvimento e dependência

Em setembro de 1964, menos de um ano após a chegada de Hinkelammert a Santiago, ocorreram as eleições presidenciais no Chile, vencidas por Eduardo Frei, candidato do Partido Democrata Cristão (PDC). Criado em 1957, o PDC se inscrevia na linha política das democracias cristãs europeias: assumir um programa político reformista, esvaziando a influência dos partidos comunistas (Santoni, 2013, p. 198). Desde então, ele havia se transformado na força hegemônica entre as classes médias.

No caso chileno, uma alternativa política que encarnasse um programa de mudanças políticas moderado ganhou relevância por dois motivos. O primeiro deles foi a Revolução Cubana de 1959, que colocou a América Latina no centro das tensões da Guerra Fria. O segundo motivo era o avanço político da esquerda, que ganhava espaço desde a metade dos anos 1950. Impulsionado por uma coalizão de vários partidos de esquerda, a chamada Frente de Ação Popular (FRAP), Salvador Allende ampliou fortemente sua votação entre 1952 e 1958. Em 1964, havia, portanto, a expectativa de que pudesse ser eleito.

Frente a uma esquerda que propunha amplas reformas e a superação do capitalismo, o PDC apresentou um programa de governo também marcado pelo reformismo. O slogan de campanha de Frei, *uma revolução em liberdade*, sintetizava o cenário político chileno. Tratava-se de promover reformas profundas, mas respeitando o capitalismo e a democracia. A questão foi analisada por Hinkelammert em seu artigo “Eduardo Frei: Uma alternativa a Fidel Castro?” (Hinkelammert, 1965). Reconhecendo que o PDC é um partido burguês, Hinkelammert aponta que ele se diferencia por

defender a industrialização. O objetivo do programa de Frei seria

[...] desenvolver o país, que tem permanecido econômica e socialmente atrasado. No entanto, ao contrário dos partidos burgueses tradicionais, sabe que esta ativação não é apenas uma questão de capital e de investimento, mas pressupõe a integração social dos outros grupos étnicos, especialmente dos trabalhadores e do campesinato (Hinkelammert, 1965, p. 146).

O programa de Frei era abertamente inspirado nas formulações da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), sobretudo nas ideias desenvolvidas desde o fim dos anos 1950. A safra inicial de ideias da CEPAL foi marcada por uma sofisticada crítica à teoria das vantagens comparativas, apresentada por Raúl Prebisch em seu paradigmático texto “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas” (Prebisch, 2000 [1948]). Ao contrário do que indicava a teoria econômica dominante, especializar-se na produção de bens com menor custo relativo não maximizaria o bem-estar dos países latino-americanos. O progresso técnico não se difundia de forma homogênea na economia mundial, sendo possível perceber uma tendência secular à deterioração dos termos de troca que prejudicava os países exportadores de bens primários. A solução passaria por uma ampla industrialização, que reduzisse a vulnerabilidade externa dessas economias.

Ao longo dos anos 1950, vários países formularam políticas econômicas que promoviam uma industrialização via substituição de importações. O que se viu no início dos anos 1960 foi que, *per se*, a industrialização não gerava a superação do subdesenvolvimento, podendo gerar inclusive graves problemas macroeconômicos. Tendo a industrialização substitutiva ocorrido através da ação de grandes oligopólios transnacionais, utilizava-se um padrão tecnológico adaptado às estruturas sociais do centro do capitalismo. Geravam-se, portanto, menos empregos do que os necessários. Além disso, as crescentes remessas de lucros pressionavam o balanço de pagamentos. Assim, a partir do fim dos anos 1950, a CEPAL havia entrado em um período de autocrítica, marcado pela defesa de amplas reformas que desbloqueassem a industrialização. Um dos principais assessores econômicos de Frei era o economista cepalino

Jorge Ahumada, que certamente influenciou a agenda reformista do programa de 1964 (Furtado, 1991).

Em um período em que ainda era próximo ao PDC, o diagnóstico de Hinkelammert sobre as reformas propostas – fiscal, agrária, maior planejamento econômico – era de que se tratava de um programa de esquerda, pois, “na América Latina, ‘esquerda’ significa defender a substituição da velha supremacia estéril e a modernização do país” (Hinkelammert, 1965, p. 150). Em nossa visão, o ponto central do artigo está expresso em sua última frase: “em caso de fracasso, isso teria de levar a uma reorientação de todos os modelos de desenvolvimento aplicados nos países latino-americanos” (Hinkelammert, 1965, p. 150, tradução nossa).⁵

Um marco das reformas do governo de Frei foi a aprovação da lei da reforma agrária, em 1967, que acabou não sendo cumprida como prevista. Sem levar a cabo a consecução das reformas, a esperança inicial em torno do PDC minguou, abrindo espaço para a ascensão de Salvador Allende (Winn, 2012, p. 55). Retomando os termos da conclusão do artigo de Hinkelammert sobre o programa democrata-cristão, com o fracasso deste, havia chegado o momento de operar a reorientação dos modelos de desenvolvimento.

É nesse contexto que se desenvolve a teoria dependência, entendida como um esforço crítico para compreender as limitações da industrialização latino-americana ocorrida nos anos 1950, controlada pelos grandes oligopólios internacionais (Dos Santos, 2015, p. 26). Ainda que tenha tido uma contribuição fundamental nos debates sobre a teoria da dependência, Franz Hinkelammert é por vezes marginalizado como um de seus formuladores. Em levantamento realizado por André Gunder Frank, em 1992, sobre as classificações dos teóricos da dependência, Hinkelammert é citado por apenas um dos comentadores e classificado como um *dependentista* não marxista, o que não nos parece ser coerente com as ideias que formulou.

5 Tendo estudado a história econômica soviética, Hinkelammert tinha plena consciência dos limites de uma via capitalista de desenvolvimento. O tom conciliatório do artigo pode ser interpretado como uma forma de evitar criar tensões com a Fundação Konrad Adenauer, que lhe havia ajudado a se instalar em Santiago.

Em primeiro lugar, é importante ter em conta que, desde o início do seu período no Chile, Hinkelammert se mostrou crítico à possibilidade de superar o subdesenvolvimento por meio de uma via capitalista. Em *Economia e Revolução*, livro de 1967, Hinkelammert indicava que existe uma diferença qualitativa entre o funcionamento de uma economia desenvolvida e o de uma economia subdesenvolvida. Logo, o subdesenvolvimento não é a falta de desenvolvimento, mas uma consequência histórica concreta de como o modo de produção capitalista se difunde na periferia (Hinkelammert, 1967, p. 97-98).

Longe de promoverem a superação do subdesenvolvimento, as políticas de industrialização implementadas na América Latina durante os anos 1950 aprofundavam-no.⁶ Em sua análise, Hinkelammert indica três obstáculos estruturais à consecução do objetivo inicial do *desenvolvimentismo*. O primeiro deles diz respeito à atuação da burguesia latino-americana que atuava com uma atitude tradicionalista. O segundo obstáculo era uma consequência do primeiro: a incapacidade da economia de incorporar os setores populares. Ao contrário do que tinha acontecido no centro do capitalismo em que a revolução industrial havia gerado o proletariado, na América Latina, parte importante da classe trabalhadora seguia marcada pela marginalização econômica e social. Já o terceiro obstáculo era o funcionamento do Estado na periferia do capitalismo, que tendia a burocratizar-se, reproduzindo uma sociedade pouco democrática e que não conseguia gerar os efeitos positivos para o desenvolvimento da economia (Hinkelammert, 1967, p. 101-102).

A introdução dos grandes oligopólios internacionais tampouco contribuía à superação do subdesenvolvimento. Ao atuar com um

6 Ainda que crítico ao desenvolvimentismo, Hinkelammert reconhece a relevância das formulações de autores como Celso Furtado. Em resenha que escreveu sobre o livro de Celso Furtado, *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, Hinkelammert afirma que Furtado levou a análise das possibilidades de um caminho de desenvolvimento dentro da estrutura da livre iniciativa ao seu limite máximo. A grande limitação teórica e política de Furtado e do desenvolvimentismo estava no fato de que eles não expressavam os impasses da industrialização latino-americana como relacionados ao caminho capitalista do desenvolvimento. (Hinkelammert, 1969, p. 178).

padrão tecnológico intensivo em capital, o grande capital não gerava uma oferta de emprego adaptada à situação da região, em que predomina uma grande população. Além disso, a grande indústria, através da competição via preços, tende a expulsar capitais menores do mercado. Dessa forma, Hinkelammert conclui que a mudança produtiva gerada pela grande indústria gera efeitos de longo prazo na sociedade tradicional, que a prejudicam e destroem, sem ajudar a construir uma nova sociedade compatível com o processo técnico moderno (Hinkelammert, 1967, p. 99).

Sendo o capitalismo incapaz de promover o desenvolvimento na periferia, a atenção de Hinkelammert se voltou para o formato de superação do subdesenvolvimento por uma via não capitalista. A questão aparece desenvolvida de forma um pouco mais extensa em seu livro *O subdesenvolvimento latino-americano: um caso de desenvolvimento capitalista*, resultado dos cursos que ministrou no Instituto Latino-Americano de Doutrina de Estudos Sociais (ILADES), em 1968, e das discussões que teve como Gonzalo Arroyo, padre e economista chileno, também professor no Instituto, e que se tornaria um dos principais expoentes do cristianismo da libertação no Chile (Hinkelammert, 1970, p. 7). A experiência no ILADES, assim como a no CEREN, marcou seu período no Chile e foi uma das influências que inspiraram a criação do Departamento Ecumênico de Investigações (DEI), em 1976, na Costa Rica (Hinkelammert, 2014, p. 48).

Com esse livro, Hinkelammert buscava aprofundar a tese de que o funcionamento da economia mundial gera o subdesenvolvimento (Hinkelammert, 1970, p. 14). A integração econômica internacional gera uma falsa ideia de *interdependência* entre os países, uma vez que o imperialismo gera uma divisão da economia mundial em que “uma parte domina e outra que é dominada” (Hinkelammert, 1970, p. 13). Trata-se de um diálogo direto com as formulações do sociólogo alemão André Gunder Frank, que, em 1966, havia publicado o artigo “O desenvolvimento do subdesenvolvimento”, marco da teoria da dependência (Frank, 1966).

Após analisar extensamente como a industrialização capitalista reproduz o subdesenvolvimento, Hinkelammert traça as linhas

gerais das condições que considerava como necessárias à criação do socialismo latino-americano. A principal delas era conscientizar as bases populares das contradições internas da sociedade, da incapacidade do sistema em superar o subdesenvolvimento e do projeto histórico que deveria orientar a construção de uma nova sociedade (Hinkelammert, 1970, p. 128). Trata-se de uma condição oposta a qualquer tipo de determinismo econômico, dado que põe a ação política no centro da construção do socialismo. Como veremos mais adiante, esse é um argumento que marca a posição de Hinkelammert acerca do governo Allende.

Além da conscientização das classes populares, o autor elenca três outras condições. A primeira delas é a planificação da economia e nacionalização do setor bancário. A segunda condição seria a nacionalização das grandes empresas, passo necessário para executar uma política nacional de desenvolvimento. A terceira condição era a garantia de uma plena liberdade de opinião, o que exigiria retirar os capitais privados do controle dos meios de comunicação (Hinkelammert, 1970, p. 129).

Tendo estudado a industrialização soviética em sua tese de doutorado, Hinkelammert reconhecia que o socialismo representava uma real alternativa ao subdesenvolvimento. Essa constatação não significava, contudo, uma adesão ao socialismo soviético, o qual considerava como burocrático. Nesse tipo de socialismo, a superação do subdesenvolvimento se faz às custas da supressão do cidadão livre (Hinkelammert, 1970, p. 130). Colocando a economia no centro do funcionamento da sociedade e marginalizando questões políticas vinculadas à democracia socialista, o modelo soviético havia criado uma sociedade *unidimensional*, em uma clara referência ao texto de Herbert Marcuse. Assim, a plena superação do subdesenvolvimento deveria se dar por uma não capitalista e democrática.

Outro aspecto interessante da análise desenvolvida por Hinkelammert diz respeito ao vínculo que o país socialista deveria ter com a economia mundial. O socialismo abriria espaço para que os países pudessem estabelecer a forma da sua participação nos mercados internacionais e escolher alternativas econômicas que significassem uma menor dependência exterior (Hinkelammert, 1970, p. 130).

As ideias expressas por Hinkelammert ao fim dos anos 1960 expressam uma mostra do estado das discussões da esquerda chilena do período. A frustração com o programa reformista democrata-cristão abriu espaço para que a maior parte da população se convencesse de que o socialismo poderia ser a verdadeira alternativa para a superação do subdesenvolvimento. Por vezes, Hinkelammert faz referência à atmosfera política do Chile daquele período

O ambiente no país em geral era muito criativo. Raras são as vezes em que isso acontece na vida da gente: estar num ambiente de muitos debates e de grande criatividade. Essa atmosfera estava em toda parte, nos movimentos de trabalhadores, nas manifestações de rua; as ruas fervilhavam. Um ambiente absolutamente impressionante (Hinkelammert, 2014, p. 48).

O contexto de crescente mobilização política também pode ser visto no ambiente universitário chileno do fim dos anos 1960. Com o movimento pela reforma universitária, lançado em 1967, o espaço acadêmico chileno tornou-se mais aberto. Em 1968, é criado, na Universidade Católica do Chile, o Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN), dirigido inicialmente por Jacques Chonchol, e ao qual Hinkelammert esteve vinculado desde sua criação, cujo objetivo era reunir uma equipe interdisciplinar de pesquisadores que refletisse sobre o futuro da sociedade chilena. No ano seguinte, é lançado o periódico do Centro, os *Cadernos da Realidade Nacional*, no qual Hinkelammert publicou vários artigos vinculados às atividades que desenvolvia no CEREN. Outra instituição universitária relevante para a reflexão crítica chilena foi o Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO), órgão da Faculdade de Economia da Universidade do Chile. Criado em 1965, acolheu os brasileiros Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e, posteriormente, Ruy Mauro Marini. Os três foram professores da Universidade de Brasília e militantes da organização Política Operária (POLOP) e, com o golpe de Estado de 1964, partiram para o exílio.

A efervescência política do período também teve consequências sobre a Igreja Católica no Chile, e de forma geral, em toda América Latina. Trata-se do período do surgimento do cristianismo da libertação. Para Löwy, janeiro de 1959 é o marco inicial dessa

corrente cristã radical, “momento em que Fidel Castro, Che Guevara e seus camaradas entraram marchando em Havana, enquanto que, em Roma, João XVIII publicava a primeira convocação para a reunião do Concílio [Vaticano II]” (Löwy, 2014, p. 85).

Em sua análise dessa corrente, Michael Löwy indica dois grupos de fatores que explicam seu desenvolvimento na região. O primeiro deles é interno à própria Igreja, que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, viu o surgimento de novas correntes teológicas mais progressistas. O segundo deles diz respeito ao contexto histórico da América Latina, com a Revolução Cubana, a politização das classes populares e a constatação do fracasso da industrialização capitalista em promover o desenvolvimento da região (Löwy, 2016, p. 84).

Em sintonia com a situação política do país, o Chile foi um dos epicentros do desenvolvimento do cristianismo da libertação. A campanha presidencial de 1970 contribuiu para politizar a atuação de alguns sacerdotes, que se questionavam como a Igreja deveria acompanhar a luta política do povo. Em setembro de 1971, foi lançado o movimento “Cristãos pelo Socialismo”, que convocou um encontro internacional para abril de 1972, em Santiago, com o objetivo de discutir a atuação política dos cristãos na construção do socialismo (Aras; Castro, 2017).

Durante o mês de abril de 1972, os olhos do mundo estiveram voltados para Santiago. Entre 13 de abril e 21 de maio, a cidade sediou o terceiro período de reuniões da Conferências das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (“United Nations Conference on Trade and Development” - UNCTAD), órgão da ONU, criado em 1964 por uma mobilização dos países do chamado *Terceiro Mundo* para reformar o funcionamento da economia mundial. Praticamente no mesmo momento ocorreu o primeiro encontro do movimento Cristãos pelo Socialismo. Organizado em torno de vinte comissões temáticas, o encontro reuniu mais de 400 delegados da América Latina.

Franz Hinkelammert participou das discussões da comissão 01, *Subdesenvolvimento, dependência e transição ao socialismo*. Nessa ocasião, apresentou o texto *Instituições cristãs e sociedade*, escrito originalmente em 1968, no qual considera a doutrina social da Igreja

como uma afirmação da sociedade capitalista existente.⁷ O aspecto mais crítico da doutrina social se restringia à defesa da função social da propriedade privada. Ainda que as instituições da Igreja estivessem fortemente impregnadas do funcionamento do modo de produção capitalista, Hinkelammert reconhece que havia aspectos da reflexão teológica, sobretudo na escatologia, que abrem espaço para uma análise crítica da sociedade. Dessa forma, lança uma interpretação escatológica das formulações marxistas.

A eleição de Salvador Allende, em setembro de 1970, e o governo da Unidade Popular (UP) podem ser considerados o ápice desse ciclo de transformações políticas e ideológicas. Na próxima seção vamos analisar como Hinkelammert abordou uma questão central para o governo Allende: a transição para o socialismo.

Transição socialista

A experiência chilena de construção do socialismo por vias oficiais foi objeto de intensa discussão durante o governo da Unidade Popular (Kay, 2019, p. 614). Nessa seção, analisaremos brevemente o caso do Simpósio *A transição ao socialismo e a experiência chilena*, organizado pelo CESO e pelo CEREN e ocorrido em outubro de 1971. O evento contou com a participação de vários pesquisadores e militantes chilenos e internacionais. Hinkelammert foi convidado a comentar a exposição do economista estadunidense Paul Sweezy, que expôs elementos de um programa de estudos sobre a transição socialista.

Analisando as experiências socialistas até aquele momento, Sweezy identifica duas grandes perspectivas políticas. A primeira delas consistiria em pensar que o sucesso da transição em direção ao comunismo estaria garantido pelo pleno estabelecimento da propriedade estatal dos meios de produção e pela ampla planificação da economia. Trata-se de uma perspectiva tributária das formulações soviéticas. Nos primeiros anos da Rússia socialista, uma das principais questões sobre a economia dizia respeito à relação entre o setor estatal planejado e o setor produtivo privado, como os pequenos e médios capitais e os camponeses. A

⁷ Disponível no site: <http://repositorio.uca.edu.sv/jspui/handle/11674/3052>. Acesso em: 10 jul. 2024.

tensão entre os dois setores só teria se resolvido com a ascensão de Stalin, a elaboração dos planos quinquenais e a coletivização da agricultura, garantindo a generalização do setor estatal planejado. A retórica oficial do stalinismo estava baseada na ideia de que o avanço para o comunismo seria um subproduto automático do crescimento econômico (Sweezy, 1972, p. 165-166). A consequência imediata dessa política foi a concentração da autoridade nos níveis superiores não apenas do governo e do partido, mas também das empresas. Assim, a tentativa inicial da revolução em gerar uma sociedade estruturada em torno da igualdade foi substituída por uma crescente estratificação, gerando despolitização das massas (Sweezy, 1972, p. 166).

A segunda das posições políticas parte da constatação de que a propriedade estatal dos meios de produção e a planificação são condições necessárias para o sucesso da transição, mas não são suficientes. Seriam necessários, portanto, outros elementos para a plena consecução da transição, os quais Sweezy elenca brevemente: a defesa do igualitarismo como princípio fundamental da sociedade socialista; os dirigentes da sociedade também devem participar do trabalho; plena liberdade de discussão e crítica; articulação entre indústria e agricultura; transformação do trabalho de meio para obter renda em atividade criativa mais importante da vida; a superação da lei do valor e, com ela, do dinheiro como sistema de gestão da distribuição (Sweezy, 1972, p. 70). Ao fim de sua exposição, Sweezy deixa perceber seu grande entusiasmo pela revolução cultural na China, descrita por ele como um fato que as futuras gerações considerariam como ponto de mudança na luta da humanidade para alcançar uma sociedade mais racional e humana.

O caso chileno foi apenas brevemente tratado por Sweezy e em um nível de análise abstrato. Para o economista estadunidense não seria possível considerar o Chile como uma sociedade em transição, entendida por ele como a sociedade que já havia atravessado as primeiras barreiras na direção ao socialismo. Seria, portanto, prematuro pensar sobre a questão da transição.

Os comentários de Hinkelammert foram particularmente críticos. Para ele, é abstrata a divisão posta por Sweezy entre o momento em que a revolução é exitosa e o início da estratégia

socialista: “que a UP pode fracassar ou pode tornar-se reformista, revisionista etc, não há dúvida [...] Isso pode ocorrer com toda revolução socialista” (Hinkelammert, 1972, p. 175). Enquanto Sweezy via a transição para o socialismo como o produto terminado da revolução, Hinkelammert a via como uma possibilidade política aberta pelo governo Allende, a qual, a cada momento, precisa ser avaliada e construída. Trata-se sempre de uma frágil força (messiânica?) à qual é preciso estar sempre atento. Assim, “a chance de ganhar está precisamente em lograr que hoje, a partir de uma legalidade burguesa, se inicie a transição efetivamente” (Hinkelammert, 1972, p. 175, grifo nosso).

Reafirmando aspectos metodológicos expostos na sua obra anterior, Hinkelammert afirma a importância de analisar o capitalismo como um sistema mundial e a expressão histórica das suas contradições. Hinkelammert via que, no século XX, a contradição entre países imperialistas e dependentes se torna ainda mais aguda. Sem se concentrar sobre essa característica do capitalismo, a análise de Sweezy não permitia compreender as contradições precisas do capitalismo, as quais estão na base das revoluções socialistas ocorridas, ao longo do século XX, principalmente em países dependentes (Hinkelammert, 1972, p. 176).

Por fim, Hinkelammert indica que a transição socialista significava a passagem de uma sociedade produtora de mercadorias a uma sociedade em que o valor de uso fosse a base da riqueza. Trata-se, portanto, de uma produção “antimercantil” (HINKELAMMERT, 1972, p. 177). Durante a passagem de um formato de produção ao outro, a produção mercantil e a *antimercantil* teriam uma convivência contraditória dentro da sociedade e a lei do valor do trabalho seguiria estruturando parte da economia. A plena superação do mercado seria um objetivo de longo prazo, o que a tornava um aspecto mítico das formulações iniciais de Marx. Mais importante que o desaparecimento do mercado e da lei do valor seria sua subordinação à racionalidade econômica social. Para Hinkelammert: “A subordinação significa sua limitação ao que é absolutamente necessário e parece descrever o que de fato acontece nas sociedades socialistas” (Hinkelammert, 1972, p. 178).

A substituição da ideia de desaparecimento das relações

mercantis pela ideia de sua subordinação ao estritamente necessário é uma consequência lógica de pensar a transição socialista como uma possibilidade e não como um produto acabado⁸. Isso significa explicitar que persistiriam no socialismo tensões políticas, as quais exigiriam atenção permanente da classe trabalhadora para que a produção mercantil não se torne novamente majoritária. Novamente, a ação política consciente aparece como peça central da reflexão de Hinkelammert. Segundo o autor:

A revolução contínua, a mobilização contínua das massas, não destrói a própria raiz do sistema de trabalho assalariado, mas garante que, com base nas relações de mercado, uma nova classe dominante não chegue ao poder. Portanto, a raiz do problema não são as relações de mercado, mas as razões objetivas que fazem com que as relações de mercado sobrevivam e se reproduzam no socialismo. A teoria marxista ainda não abordou esse problema em profundidade (Hinkelammert, 1972, p. 178).

O socialismo com *vinho e empanadas* prometido por Allende colocou na ordem do dia da esquerda chilena as discussões sobre a transição do capitalismo para o socialismo. A política econômica do governo estava estruturada em torno de três questões: a redistribuição de renda para a classe trabalhadora, o aprofundamento da reforma agrária e a planificação.⁹ Esta previa a coexistência de três tipos de propriedade. A primeira delas era a área estatal, também chamada área de propriedade social, composta pelos setores nacionalizados, como os monopólios bancários, explorações de recursos minerais, grandes indústrias, distribuição e comércio exterior.¹⁰ A segunda, a área mista, era constituída por empresas

8 A questão sobre o eventual desaparecimento da lei do valor no socialismo foi objeto de intensa discussão entre os economistas socialistas do período. Em artigo publicado no último número do *Cuadernos de la Realidad Nacional*, Hinkelammert analisa as posições do economista francês Charles Bettelheim e desenvolve o argumento de que a produção e o mercantil não desaparecerão no socialismo (Hinkelammert, 1973; Bettelheim, 1970).

9 De acordo com Peter Winn, em meados de 1972, a reforma agrária estabelecida pela lei de 1967 estava virtualmente completa, com 70% das expropriações realizadas pelo governo Allende durante os dezoito meses precedentes (Winn, 2012, p. 77).

10 Ao fim de dezembro de 1970, Allende anuncia a estatização do sistema bancário,

de gestão conjunta nas quais se combinavam o capital público e os capitais privados nacionais e estrangeiros. Por fim, a propriedade privada seria composta principalmente por pequenos capitais, comércio, serviços e pequenas manufaturas (Vuskovic, 1971, p. 155).

No fim de 1970, o governo concedeu um aumento dos salários, que permitiu recuperar o poder de compra, fortemente impactado pelo aumento da inflação, que, naquele ano, havia chegado a 35%. Tratava-se, portanto, de uma política econômica que contava com o consumo popular como um dos parâmetros fundamentais para impulsionar o crescimento econômico e alterar a correlação política de forças em favor dos trabalhadores. A equipe de economistas da UP trabalhava com a hipótese de que a economia chilena operava com altos níveis de capacidade ociosa, o que permitiria a retomada do crescimento econômico, do emprego, dos salários, sem gerar grandes pressões inflacionárias. Além disso, o governo iniciou um grande conjunto de obras públicas, em particular no setor da construção civil, sabidamente intensivo em trabalho, também com o objetivo de ampliar o crescimento econômico e a geração de empregos.

Combinada à nacionalização de setores estratégicos da economia, como o cobre, cuja estatização foi autorizada pelo Congresso em julho de 1971, a política econômica do governo Allende havia produzido um forte aumento da taxa de crescimento da economia, redução do desemprego e redistribuição de renda em favor dos trabalhadores. Contudo, em pouco tempo, o governo precisou fazer frente a alguns problemas. A partir de 1972, com a economia operando a pleno emprego e sem contar com linhas de crédito que financiassem as importações de máquinas e equipamentos necessários à manutenção do crescimento, a inflação voltou a recrudescer. Frente a esse cenário, duas posições surgiram na Unidade Popular. A primeira, defendida por Pedro Vuskovic

considerada fundamental por Vuskovic para proceder às transformações estruturais da economia, como a expansão de crédito para as pequenas e médias empresas, e proteger o país da especulação financeira. Em seu discurso, Allende afirmou que “somente com os bancos nas mãos do povo, por meio do governo que representa seus interesses, é possível cumprirmos a nossa política” (Allende, 2022, p. 43).

e pelas alas mais à esquerda do Partido Socialista e pelo MAPU, apontava a necessidade de aprofundar a transição, ampliando a área de propriedade social e a planificação central da economia. A segunda, ao contrário, apontava que os problemas surgidos em 1972 indicavam que a política do governo havia avançado além do possível àquele momento e que seria importante recuar em algumas medidas, de modo a garantir o apoio da classe média. Esta linha, defendida pelo Partido Comunista e por setores socialistas moderados, se impôs em junho de 1972, quando Vuskovic foi demitido (Winn, 2012).

A política econômica do governo foi analisada de perto por Hinkelammert, que dirigia um projeto de pesquisa conjunto entre o CEREN e a Corporação de Fomento da Produção (CORFO), banco de desenvolvimento do Chile. Contando com dados precisos do avanço da economia no primeiro ano do governo Allende, Hinkelammert publicou, junto com Urs Müller-Plantenberg, um balanço da situação do país em 1972 (Müller-Plantenberg; Hinkelammert, 1973). Sendo o Chile um país com uma pequena base industrial, amplamente dependente de importações de máquinas e equipamentos, e tendo a capacidade ociosa do país sido absorvida com as medidas adotadas no primeiro ano do governo, era fundamental lançar um outro tipo de política econômica e permitisse a passagem mais rápida a uma propriedade social e submetida à planificação estatal (Müller-Plantenberg; Hinkelammert, 1973, p. 218). A citação a seguir, ainda que extensa, mostra a forma como os autores articulavam a importância das medidas iniciais do governo em prol da redistribuição de renda com a necessidade passar a transformações produtivas mais amplas:

A orientação da estrutura de produção e as decisões de investimento resultantes devem, portanto, ser colocadas cada vez mais nas mãos da sociedade. Assim, os desequilíbrios do mercado e o controle resultante das decisões de oferta e investimento são uma consequência inevitável da política de redistribuição de renda. Torna-se evidente que a política redistributiva fracassa na medida em que se limita a políticas monetárias de redistribuição de renda monetária. Ela pode ser bem-sucedida somente na medida em que toma o poder sobre a produção em suas próprias mãos. O fato de as medidas

redistributivas serem bem-sucedidas ou não é decidido no campo da distribuição, mas depende de quem tem poder sobre os meios de produção e distribuição e a favor de quem elas são administradas. Embora para a política de redistribuição progressiva o campo da distribuição seja sua primeira instância e seu objetivo imediato, sua última instância é a produção e o controle sobre ela. Sem reconhecer isso, seria um falso reformismo, que anuncia reformas sem tomar as medidas adequadas para torná-las viáveis. Para uma política não ilusória de redistribuição de renda, o controle sobre a produção é decisivo (Müller-Plantenberg; Hinkelammert, 1973, p. 227).

Como é sabido, a experiência chilena foi interrompida com o golpe de setembro de 1973. Tornou-se fundamental para o capitalismo mundial evitar que a experiência chilena se transformasse em exemplo para outros países. Como reconhece Hinkelammert, a questão não podia ser circunscrita a questões pontuais do Chile, como a nacionalização do cobre. Ainda que a defesa da propriedade privada dos grandes investimentos internacionais pudesse aparecer superficialmente como a causa determinante do golpe, a questão se colocava sobretudo em termos geopolíticos (Hinkelammert, 2014, p. 52). A esperança gerada pela experiência do socialismo chileno não podia se propagar e a politização vivida no período não poderia ocorrer novamente. O intenso esforço político e intelectual do autor são uma evidência da esperança que o caso chileno catalisou na região. Tratava-se da possibilidade de construir um novo socialismo, que não fosse simplesmente a repetição de um modelo pré-determinado por manuais soviéticos. Sendo uma possibilidade, era preciso transformá-la em ação e, portanto, em prática política, que exige uma mobilização permanente. O socialismo da *empanada com vinho* ousou abrir essa possibilidade na América Latina e construir a possibilidade de uma economia para a vida. A resposta foi brutal: “Pinochet transformou o vinho em sangue e as empadas em carne. Pinochet fez dessa revolução de empadas e vinho tinto uma eucaristia fatal” (Hinkelammert, 2014, p. 48-49).

Conclusão

A implantação do neoliberalismo no Chile foi a expressão mais acabada da economia de morte, inerente ao modo de produção capitalista. Por um lado, a estrutura produtiva e institucional foi transformada para garantir a propriedade privada e, por outro, qualquer perspectiva crítica do funcionamento da economia capitalista foi brutalmente reprimida. Após o golpe de 1973, o CEREN foi encerrado e todos seus professores e pesquisadores, demitidos. Hinkelammert se refugiou por dias na Embaixada da Alemanha, em Santiago, até que obteve um salvo-conduto para retornar à Berlim, onde passou a atuar como professor na Universidade Livre. Durante os dias que passou na embaixada, pode acompanhar por jornais a grande perseguição que se seguiu ao golpe e o apoio que a alta hierarquia da Igreja chilena deu à Junta Militar, o que relatou em seu livro “Ideologia da submissão” (Hinkelammert, 1977).

Nos textos escritos no Chile, marcados pela análise da questão econômica do país, curiosamente não há referências explícitas a Walter Benjamin, o que não impede de notar no conteúdo da sua reflexão um claro traço benjaminiano. Em um dos anexos à Tese XVIII sobre o conceito de história, Benjamin menciona que, aos judeus, lhes era proibido prever o futuro. A consequência de conhecer o futuro seria a passividade e a espera do inevitável (Löwy, 2005, p. 142). A Torá e a oração recentravam a atenção dos judeus na rememoração, mas não como uma simples recuperação do passado, mas como um elemento para viver plena e ativamente o presente. Ainda sobre o futuro, Benjamin conclui seu texto mencionando que “nem por isso tornou-se para os judeus um tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia entrar o Messias” (Löwy, 2005, p. 142).

Esse fio vermelho benjaminiano é sistematicamente presente nos textos cheios de Hinkelammert. Vista de forma panorâmica, pode-se perceber que a construção política do socialismo para ele é radicalmente avessa a qualquer tipo de determinismo. Longe de trazer o desenvolvimento, a industrialização capitalista sacrificava a possibilidade de construir uma economia como uma inserção

autônoma no mercado mundial. Longe de pensar que a transição socialista seria uma questão para o futuro, era fundamental agir no presente para garantir a passagem de um modo de produção a outro. Longe de pensar que o capitalismo desapareceria em algum momento futuro, era fundamental dar-lhe combate no presente.

Entendido dessa forma, o socialismo é, portanto, um modo de produção que exige constante aprimoramento prático e teórico. Seu funcionamento é o oposto do modo de produção capitalista, em que os automatismos de mercado movimentam as estruturas econômicas às costas dos seres humanos. A obra de Hinkelammert é um convite a estar atento de forma permanente à estreita porta da política pela qual poderá entrar a revolução.

Referências

- ALLENDE, Salvador. *A revolução desarmada*. Discursos de Salvador Allende. São Paulo: UBU, 2022.
- ARAS, Lina Maria Brandão; CASTRO, Marcial Saavedra. Los cristianos por el socialismo en Chile: una experiencia político-pastoral más allá del altar. *Veredas da História*, Salvador, v. 10, n. 2, p. 265-290, 2017.
- BASSO, Lelio et. al. *Transición al socialismo y experiencia chilena*. Santiago: CESO/CEREN, 1972.
- BETTELHEIM, Charles. *Calcul économique et formes de propriété*. Paris: La Découverte, 1970.
- BOSI, Alfredo. Jacques-Chonchol: o Chile ontem e hoje. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 247-257, 1994.
- FRANK, André Gunder. The Development of Underdevelopment. *Monthly Review*, v. 18, n. 4, p. 17-31, 1966.
- FRANK, André Gunder. Latin American Development Theories Revisited: A Participant Review. *Latin American Perspectives*, v. 19, n. 2, p. 125-139, 1992.
- FURTADO, Celso. *Os ares do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1961.
- HINKELAMMERT, Franz. *Der Wachstumsprozess in der Sowjetwirtschaft*. Berlin: Instituto da Europa Oriental - Universidade Livre de Berlin, 1961.
- HINKELAMMERT, Franz. Eduardo Frei: Eine Alternative zu Fidel Castro? *Wirtschaftsdienst*, v. 45, n. 3, p. 146-150, 1965.
- HINKELAMMERT, Franz. *Economía y revolución*. Santiago: Editorial del Pacífico, 1967.
- HINKELAMMERT, Franz. *Reseña del libro de Celso Furtado: Teoría y Política del desarrollo Económico*. Arquivo digital de Franz Hinkelammert, 1969.

HINKELAMMERT, Franz. *El subdesarrollo latinoamericano: un caso de desarrollo capitalista*. Santiago: Nuevas Sociedad, 1970.

HINKELAMMERT, Franz. Programa de estudio de la transición al socialismo. In: BASSO, Lelio et. al. *Transición al socialismo y experiencia chilena*. Santiago: CESO/CEREN, 1972, p. 173-180.

HINKELAMMERT, Franz. Las relaciones mercantiles en la sociedad socialista como cuestionamiento a la crítica marxista de la religión. *Cuadernos de la Realidad Nacional*, n. 17, 1973.

HINKELAMMERT, Franz. *Ideología del sometimiento*. São José: EDUCA, 1977.

HINKELAMMERT, Franz. *Mercado versus direitos humanos*. São Paulo: Paulus, 2014.

HINKELAMMERT, Franz. Entrevista. *PRAXIS*, n. 77, maio, p. 1-24, 2018.

KAY, Cristobal. Theotonio Dos Santos (1936–2018): The Revolutionary Intellectual Who Pioneered Dependency Theory. *Development and Change*, n. 51, p. 599-630, 2020.

LÖWY, Michael. *Aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWY, Michael. *O que é cristianismo da libertação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

LUXEMBURGO, Rosa. Quem precisa ser salvo do alcoolismo? In: GOMES, Rosa Rosa (ed.). *Fraude capitalista e outros escritos*. São Paulo: Maria Antonia, 2021, p. 44-45.

MÜLLER-PLANTENBERG, Urs; HINKELAMMERT, Franz. Condiciones y consecuencias de una política de redistribución de ingresos. *Cuadernos de la Realidad Nacional*, n. 16, p. 203-227.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (ed.). *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000, p. 69-136.

SANTONI, Alessandro. Religión, política y democracia cristiana: Chile e Italia en perspectiva comparada. *Historia y Política*, n. 29, enero-junio, p. 193-218, 2013.

SWEEZY, Paul. Hacia un programa de estudio de la transición al socialismo. In: BASSO, Lelio et. al. *Transición al socialismo y experiencia chilena*. Santiago: CESO/CEREN, 1972, p. 163-172.

VUSKOVIC, Pedro. Chile, lucha contra el subdesarrollo. *Problemas del desarrollo*, v. 2, n. 7, p. 151-165, 1971.

WINN, Peter. *A revolução chilena*. São Paulo: UNESP, 2012.